



ny

EU!

BIBLIOTECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ACEX

Vamos, pobre infeliz! Muda em azas teus braços!
Desfere o vôo teu, num anseio profundo,
Para o local que houver mais alto nos espaços,
Para o trecho do céu mais distante do mundo!

E uma vez lá chegando, errante e vagabundo,
D'esta vida cruel liberta-te dos laços
E atira-te, a cantar, do precipício ao fundo...
Quero ver-te cair dividido em pedaços!

Morre como um herói! Deixa que o Meio brama!
Fecha o ouvido ao Elogio e os olhos fecha á Fama
E despreza da Inveja as perfidas alfombras...

E morre, coração! Pois, ao morrer, enquanto
Tens Injustiças de uns, tens benções de outro tanto...
— Morrerás como o Sol — entre Luzes e Sombras!

Collecção Artística
Arthur Azevedo

*Ao mestre - Arthur Azevedo
offe*

I. XAVIER DE CARVALHO

Maranhão - 18 - 1892



ORMA
269.91
0331mm

BIBLIOTECA PÚBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

MISSAS NEGRAS



Collecção Artística
Arthur Azevedo
Estado do Maranhão

1902
—
MANAUS

REGISTRO SETORIAL

SEÇÃO DE AUTORES MANUENSES

numero 717
a 14.10.1971

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
M. SILVA & C.
21, Rua Henrique Martins n. 21
MANAUS

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

à Jonas da Silva

O S. João de trovas e balladas

Collecção Artistica

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão



Collecção Artística

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

PROFISSÃO DE FÉ

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Uma andorinha só não faz Verão!... Embora!
— Azas desdobrarei ao sol das Crenças Minhas
E entrarei para o Além, pelas nuvens a fóra,
Longe das feras más e das aves damninhas...

O' ave! e então verás que essas pennas que tinhas
Negras... branquejarão ao contacto da Aurora...
E... has de nôjo sentir das outras andorinhas.

.....
Uma andorinha só não faz Verão!... Embora!

Subirás pelo ceu... alto, alto, tão alto
Que não vejas o chão, que não vejas as casas
Agrupadas aqui n'este humano planalto...

E descerás depois... já sem peias e algemas,
Aguia immensa de Luz, desdobrando nas azas
Todo um poema ideal de Revóltas Supremas!



CHEGANDO . . .

Venho mesmo não sei de que Degredo
Improvisando altares no caminho,
A rezar, de olhos fitos no arvoredor,
Missas Negras sem hostias e sem vinho.

Lá nos conventos monacaes do Medo
Tomei de um frade este burel de linho . . .
E, da Vida no estúpido rochedo,
Eis-me na encosta a caminhar sósinho.

Poétas de todo o Mundo, vinde ouvir-me!
— Que um Monge Bom, com os olhos rasos d'agua
Quasi ás portas da Morte, porém firme,

Vae produzir, numa oração sentida,
D'esse intangível púlpito da Magua,
Todo um sermão de Lagrimas á Vida!



II

D'onde venho não sei... Venho de faina em faina
Mysterioso a correr desolado e tristonho...
Venho talvez de um ceu onde a dor não se amaina
Ou, quem sabe? talvez dos infernos do Sonho!

Fica a terra queimada onde meus pés eu ponho...
— De entre as dobras crueis d'esta minha sotaina
Jórro poemas sem luz de Exterminio medonho...
D'onde venho não sei... Venho de faina em faina...

O gemido fatal que de meu labio escapa
Faz tremerem os reis... e até tu mesmo, ó Papa,
Deixas rolar da mão o baculo que trazes...

E ao fulgor infernal de meus olhos á tona
Sinto que ao meu olhar tudo se desmorona,
Que a sociedade actual estremece nas bases!

III

{ Venho, em nome do Ceu, atroando pelo espaço
A busina da Dor, sombria e merencorea . . .
— Venho quasi a morrer, de fracasso em fracasso,
Para depois viver de Victoria em Victoria !

Meu peito não é mais que uma tumba marmorea
A destillar o Mal e o Bem por onde eu passo . . .
— Trago repleto o olhar de pedaços de Gloria,
— Tudo morre e succumbe ao poder do meu braço . . .

Sou Lusbel e sou Deus! nasci do mar na espuma
Ou da terra no chão? ~~ou~~ tudo e nada em summa . . .
— Sobre mim do Universo a atenção se concentre,

Pois desejo afinal, com as palavras em Jôgo,
Envolver a Mulher em circulos de fogo
Para, em nome do Ceu, infecundar-lhe o ventre!

Sou um frade infernal . . . Com os meus lamentos
Vivo a aturdir o coração do espaço
E a tisonar-o dos tons sanguinolentos
Das palavras tristíssimas que traço . . .

Nos conceitos fataes de atros accentos
D'estes sermões de Dor que aos homens faço
Lanço dogmas de fel aos quatro ventos
Invectivando o mundo a cada passo!

De olhos occultos num capuz de monge,
Pregando o Tédio e apostolando o Leito,
O Evangelho da Dor trouxe-o de longe . . .

Para abençoar nos versos que dedilho
A ave sem ninho e as arvores sem fructo
E os ventres de mulher que não têm filho!



HOJE

Do meu peito o pomar, d'antes risonho,
Hoje é sem chuva e até de orvalho enxuto,
O ar vive secco e o ceu vive tristonho,
Sem agua o espaço e a terra sem dar fructo.

O horror da morte a perpassar escuto
Por sobre tudo num pavor medonho!
Té os galhos, sem côr, estão de luto
Das carcomidas arvores do Sonho!

— Por toda aquella natureza em magua
Tudo sinto morrer á mingua d'agua
Sem que o inverno do Ceu jámais irrompa . . .

Na arida terra que o calor invade,
A unica flor é o cactus da Saudade
Que desabrocha languida e sem pompa!



AGOSTO

(EM MEU ANNIVERSARIO)

Quem acaso nascer nas desoladas
Segundas-Feiras d'este mez odioso
Matará, entre as palpebras inchadas,
Em diluvios de Lagrimas, o Gôso . . .

E, entre destroços de Illusões Fanadas,
No alto do ceu do coração choroso,
Terá Maguas de Passaros sem pouso,
Constellações de Crenças Apagadas . . .

Terá, nos olhos, sombras de esqueletos
E Ironias fataes de Risos Pretos,
Em contracções de bocca, pelo rosto . . .

E morrerá sem ter vivido, em summa!

.
Por isso, poeta, é que nasceste numa
Segunda-Feira funebre de Agosto!

236-8-71



TISICAS

(A UM AMIGO CUJA NOIVA A TUBERCULOSE MATOU)

Não sei porque, sob as pestanas pretas
Dos tristes olhos das tuberculosas,
Em vez de lyrios e em lugar de rosas,
Deus plantou dois canteiros de violetas . . .

Porque as prendeu em morbidas grilhetas,
Cheias de tosse, débeis e queixosas . . .
Porque as fez tão franzinas e nervosas,
Fracas e frageis como as borboletas!

Porque ás faces sem côr dessas vencidas
Poz o traço das noites mal dormidas
Entre olheiras de anémonas e goivos!

Porque as leva, porfim, de olhos risonhos,
Em supplicios tantalicos de Sonhos
De entre as almas agónicas dos Noivos!



Colection. Artistica

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

DE LONGE

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Já o mesmo não sou que dantes era!
— Raios de Luz surgindo-me defronte,
Dobrei os joelhos e curvei a fronte
Abandonando o andrajo da Chimera.

De alma bailando pelo azul da Esphera,
Em desmaios de Côr pelo horisonte,
Outras aguas bebi de estranha fonte...
Já o mesmo não sou que dantes era!

De azas nas costas, quiz chegar aos astros...
Mas cahi, como um Icaro, de rastros,
E eis-me de novo a precisar de Auxilio...

E eis-me de novo a crocitar sem calma
Com as Saudades do Ceu que tenho nalma
E estas Maguas nostalgicas de Exilio!



DOLOR

(A TH. MACHADO)

Vae-se espalhando de bocca em bocca
Que sou feliz . . .
E eu fecho ouvidos á phrase louca
Que a plebe diz!

Julgam-me os homens n'um paraiso,
N'um céu fugáce,
Só porque notam que existe o Riso
Na minha face!

Porque te assentas nas bases frias
Em que te pões?
Mundo inconstante, porque te guias
Por impressões?

Dentro de um riso, quantas mil cruces
Guardam-se ás vezes?
Quantas venturas, em vez de luzes
Destilam fezes?



BIBLIOTHECA PUBL
do
ESTADO DO MARANH

Ruga precoce, profunda e calma,
Dentro a saltar . . .
Sae de minh'alma, sae de minh'alma
Que eu quero voar . . .

Mundo! meu braço que te resiste
Tu porque o furas
Na cruz da Magua com o cravo triste
Das Desventuras?

Dentro dos astros em vez de côres
Sinto paúes
E sobre as rosas em vez de odôres
Encontro pús . . .

Vinte e oito annos! Que sorte avêssa!
Triste desgosto!
Cabellos brancos pela cabeça,
Rugas no rosto . . .



EXILIO

Pobre da ovelha que abandona o aprisco
Para em meio viver de um clima estranho!
— Berrando Maguas, correrá o risco
De entre ovelhas morrer d'outro rebanho . . .

Sem pasto . . . e a sentir fomes sem tamanho
Ha de achar o capim tornado em cisco,
Resequido ao calor de um sol de estanho!
— Pobre da ovelha que abandona o aprisco!

Entre o feno que o chão queimado junca
Correrá para traz . . . porém mais nunca
Pisará sobre o chão do patrio cérrro.

E ha de, por fim, cahir longe dos atrios
Verdejantes e azues dos cerros patrios,
Morta de queixas, sem soltar um bérro!



FATAL!

Vae serenando, subito, o alvoroço . . .
Em toda a meza bêbeda e já tonta
O cruzamento dos talheres ouço . . .
— Brilha em tudo o prazer de ponta á ponta . . .

De repente, a sorrir, ergue-se um moço
E, em visível pezar que o desaponta,
Murmura, triste, já no fim do almoço:
« Treze pessoas, vêde! Fiz a conta! »

« Treze pessoas! oh! » quasi em segredo
Responde, á meia voz, a mesa inteira
Num movimento autómató de Medo!

E olhando para mim todos eu vejo
Porque, além de sentar-me á cabeceira,
Era o dono da casa e do festejo!



A MIM MESMO

« Toda a faixa estellar da
estrada de S. Thiago . . . »

D. JOÃO DE CASTRO.

Quando morrer o derradeiro arrôjo
Do teu olhar, e a derradeira chamma
Do teu peito apagar-se . . . e tu, de rôjo,
Tornares-te em cadaver sobre a cama;

Quando longe das Glorias e da Fama,
Morreres succumbido pelo Nôjo ;
Quando esse corpo vil de barro e lama
Cahir, emfim, de um tumulo no bôjo ;

Tu'alma, então, voará, num doce arranco,
No ether sumida como um cirrus branco
Sob os raios de um Sol mais amplo e digno,

E voltará ao ceu, num Sonho Mago,
Para habitar a estrada de S. Thiago
Sob a fórmula symbolica de um Signo !

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

O CÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

Até nos cães! . . . — Faminto, conheci-o
Uma noite atirado no abandono,
Num queixoso ladrar falho de entono,
Exposto aos vendavais e exposto ao frio . . . *fae*

E eu tive pena e dó do cão sombrio,
E, ajuntando-o do chão, fiz-me seu dono . . .
Matei-lhe a fome e garanti-lhe o somno
Dentro das palhas de um colchão macio . . .

. . . Fiquei pobre afinal . . . e o cão, que, outr'ora,
Salvei da morte, me ladrava agora
Como a dizer: «sustenta-me ou te mordo!»

Até que, enfim, cheio de furia imensa,
Mordeu-me ambas as mãos em recompensa
E de casa fugiu depois de gôrdo!

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

FIM DE ANNO

Trezentos e sessenta e cinco vezes

O sol beijou a terra . . .

E outras tantas deixou-a abandonada,

— Esposa desprezada

Durante a noite para ser de dia

Circumdada de novo de alegria

Pelos beijos do amante que lhe volta!

Um anno a mais, e nesse espaço, quantos

Mysterios desdobrados?

Quantas vezes o sol ouviu o grito,

No throno do infinito,

Da mãe chorando o filho, a esposa o esposo,

E a esconder-se nos ares, magestoso,

Os ouvidos fechou á angustia nossa?

Quantas vezes o sol, o sol que beija,

Que beija e que abrilhanta

As louças seáras e os trigaes maduros

Não viu os fructos duros

Da guerra vil a se alastrar, intensa,

De toda a terra pela face immensa,

Ao clangor dos canhões lançando balas?



CRENÇAS

Meu coração é um campo santo cheio
De ceus sem luz e musicas sem claves,
E' um cemiterio vasto em cujo seio
Vê-se uma Igreja de alvacentas naves . . .

De sobre as amplas cruces que ha no meio
Do chão, por entre as catacumbas graves,
O fôgo-fatuo tremulo do Anceio
Matou as flores e espantou as Aves . . .

Alli, quando alta noite o som das onze
Chóra maguado no saudoso bronze
Em vibrações nostalgicas e immensas,

Abrem-se as cóvas e, em montões de escombros,
Alvas mortalhas carregando aos hombros,
Passa um bando esquelético de Crenças!

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

ANTE UM CASTELLO EM RUINAS

Eil-o, o paço soberbo de outras éras,
o sublime solar de pedrarias,
de um antigo senhor.

Ali a gloria, entre explosões sinceras,
da idade media nos faustosos dias
retumbou com fervor.

Ali outr'ora a castellã, o encanto
do antigo titular, arfando o peito
ao coração fiel,
de um pagem vagabundo ouvindo o canto,
sahia, á noite, do custoso leito
a ver o menestrel.

E o trovador, o musico da rua,
ao ver da amante a forma assetinada
do terraço no fim,
vibrava todo, ante o clarão da lua,
seu coração na magica toada
do triste bandolim.

A UM RICO

Das nuvens côr de rosa da opulencia
Tentas em vão bater a Desventura,
E, no entretanto, quanta noite escura,
Em vez de auroras, veste-te a existencia!

Quantos d'esses que vivem na indigencia,
Dos restos do que comes á procura,
Mais do que tu não vivem na Ventura
— Da pobreza na pallida apparencia?

Quantos d'esses que dentro dos farrapos
De uns, em pedaços, miseraveis trapos
Que lhes servem de capa ao corpo nú,

Quantos d'esses que miseros, sem nome,
Se revolvem no pélagos da fome
Não são mais venturosos do que tu?



A UM JOGADOR

Tu'alma, essa infeliz de vícios farta,
Num baralho, a correr, toda se encerra.
Teu pão é o trunfo, teu futuro é a carta,
Numa marcha de escandalos que aterra!

O panno verde : — eis tudo ! — Sobre a terra
Chovam raios de fogo e o ceu se parta !
Tua idéa, quem pode emocionar-t'a
Embora o mundo se arrebente em guerra ?

No az, no rei, na dama, no valete,
Dois e tres, quatro e cinco, seis e sete,
E nas mais cartas teu porvir se perde !

Tens a honra escondida nas cartadas,
Nos ouros e nos paus, copas e espadas,
Na attracção infernal do panno verde !



BIBLIOTHECA
do
ESTADO DO MAR

A UM COVEIRO

Constantemente o sino a ouvir terrível
Em por defuntos, prolongar os dobres,
Tu que collocas todos n'um só nivel:
— Fidalgos e plebeus, ricos e pobres;

E em pás de terra tristemente encobres
Os vis despojos da existencia horrível
Dando todo o vigor d'essas mãos nobres
Em prol do somno ultimo e infallível;

Tu que roubas o morto á luz e ao mundo
Ao cavar-lhe o jazigo — faze-o fundo,
O mais fundo, o mais fundo que pudéres!

Se a carne após o tumulo inda sonha
Livral-a-has ao menos da vergonha
De ouvir missas, latins e misereres.



Por sobre aquelles marmores custosos,
entre aquellas fachadas de granito,
muitas vezes se ouviu
o estrugir de petrechos bellicosos;
de muitas guerras o vibrante grito
ali já retiniu.

Sobre o tapete azul d'aquellas salas
quantas vezes o estrepito de danças
fidalgas echoou?
E a nobreza de França quantas falas,
que de juras de amor, que de esperanças,
por ahi não rolou.

E no entretanto agora, que inda resta
d'esse edificio deslumbrante e bello,
fidalgo e senhoril?
Poucos restos em meio da floresta
e a figura sómente de um castello
entre destroços mil.



Hoje, em lugar de flores cresce o cardo,
ortigas, matagaes eervas bravias
quasi em todo o lugar;
e em vez do bandolim, da voz de um bardo,
ouve-se agora a voz triste e sombria
dos mochos a piar.

O viajante que passa solitario,
acaso no castello, volta o rosto
e estaca um pouco e sae
sob o peso cruel do funerario,
do dolorido e lugubre desgosto
que nas ruinas vae . . .

Meu coração é como as ruinarias
d'esse feudal castello abandonado,
tão sombrio e tão só.
Da minha alma tambem as alegrias
se obumbraram na noite do passado,
entre maguas e dó.

✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Tal e qual esse espinho que assim brota
com tanta força e impetuosidade,
sobre esse paço alem,
nas ruinas de meu peito hoje se nota
o dolorido espinho da saudade
se ostentando tambem.

Em vez de luzes, cantos e alvoradas,
como o mocho a piar sobre o castello
por entre a solidão,
hoje em meu peito as lugubres pancadas
são quasi iguaes ao baque de um martello
num funereo caixão!

✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦

6

VOLTA

Por desertos, por íngremes terrenos,
Fui um dia aos sertões d'esta Anciedade
Ver se ainda ouvia um só gorgueio ao menos
Do bando exul das aves da Saudade. . .

Debalde eu fui! O horror da tempestade
Tombando como perfidos venenos
Dos amplos ceus de minha Mocidade
Matára de uma vez todos os threnos. . .

Do almo horisonte pelas grandes curvas
Vi apenas milhares de aves turvas
Numa expansão dantesca de azas tortas. . .

E eu voltei. . . E ao chegar da casa em frente
Vi cahir, aos meus olhos de Doente,
Um triste bando de andorinhas mortas!



BIBLIOTHE
à
ESTADO DO

A UM LADRÃO

Dizem que commetteste uma acção feia,
Talvez porque num pão lançaste a garra;
De um Tribunal vão te levando á barra
Como defraudador da cousa alheia. . .

Mal o olhar do Juiz contigo esbarra,
Em prol da lei em coleras se atêa ;
E um beleguim de subito te agarra
P'ra que pagues teu crime na cadeia.

Presta atenção : — se houvesse tu roubado
Muito dinheiro, em vez de ninharias,
Em lugar de calcêta eras barão!

Mas em vez de barão és condemnado
Porque em, vez de furtar grandes quantias,
Para a fome matar furtaste um pão!



DEIXANDO A ARGILA...

Dominarás o Ceu! Vamos, alma de artista!
Que, em te vendo passar, todo um cortejo irrompa
De Astros a te seguir... e o Ether todo se vista
De amplas Ressureições, de Alleluias e Pompa!...

Que a Lua, ao te avistar, sob os teus pés se rompa!
— Vencendo todo o Além, só de um golpe de vista,
Toma um blocco de Ceu... d'elle faze uma trompa...
... Que da terra ninguem a teus Triumphos assista!

A ti que importará que os espaços se enludem
De Iras e Temporaes, se a mais pesada nuvem
Basta quereres tu, de subito a desmanchas?

Nada te importará que o mundo se biparta,
Alma que estás no Azul, perennemente Farta,
Confundida com o Sol, sob um pallio sem Manchas!



BIBLIOTHECA
do
ESTADO DO MA

NOIVAS MORTAS

Essas que assim se vão, fugindo prestes,
De ao pé dos noivos, carregando-os n'alma,
Amortalhadas de capella e palma
Em demanda dos páramos celestes;

Essas que, sob o horror que a morte espalma,
Vão dormir á sombra dos cyprestes
Em demanda dos páramos celestes
Amortalhadas de capella e palma;

Essas irão aos ceus, de olhos risonhos,
Por entre os Anjos, pela mão dos Sonhos,
De azas flafando em tremulos arrancos,

De Alvas Grinaldas pelas tranças frouxas,
De olhos pisados e de olheiras rôxas,
Todas cobertas de Peccados Brancos.

POETA

2p.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CEX

Sobre o largo portal do castello onde móra
Meu grande coração de escriptor insubmisso,
Inundada na luz de um resplendor de aurora,
Ha uma lyra de Rei feita de ouro massiço.

Ao meu throno enfrentar, throno de ouro inteiriço,
Curvam-se as vibrações da Palavra Sonóra . . .
— E, embora seja o applauso obrigado e postiço,
As mãos de muitos reis batem-me palma, embora!

Um soneto ao fazer, cheio de versos lautos,
Partem do meu palacio uma porção de arautos,
Lembrando o meu poder pela voz de cem trompas!

E os vendilhões, então, do amplo tẽplo do Metro
Fogem em debandada ao fulgor de meu sceptro
Feridos pelo Estylo e embriagados de Pompas!



BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CASTIGO



27

« Urge que o bando de almas puras corra! »
(Disse uma voz das nuvens) « Mas, cuidado!
Quem olhar para traz, como desforra,
Deixarei, sobre o chão, petrificado . . . »

— E eu me puz a correr de outros ao lado . . .
Puz-me a correr . . . « Em antes que o Sol morra
(Disse a voz) jorrarei contra o Peccado
Linguas de fogo e incendiarei Gomôrra! »

— E eu com outros corri . . . Já bem distante
Volvi olhos atraz . . . mas nesse instante,
A Fé sentindo cada vez mais pouca,

Transformei-me, quebrando-me aos pedaços,
Sem pés nem mãos, sem pernas e sem braços,
Numa estatua de mármore sem bocca!



MÃE!

Por entre as ruínarias de Pompeia
Que eu trago n'alma attribulada e fria
Alguns velhos archeólogos da Ideia,
Foram fazer escavações um dia . . .

E puzeram-se todos de alcateia,
Cavando o chão da triste ruínaria,
A ver se de entre a rebuscada areia
Qualquer cousa de estranho apparecia . . .

Eis senão quando, num pasmado assomo,
Um dos escavadores, não sei como,
Do chão um corpo luminoso arranca !

E ergue, entre as mãos, a palpitar de assombros,
O teu beijo de Mãe, de entre os escombros,
Transfigurado numa estatua branca !



NA CRUZ

Preferiram a mim que se soltasse
Barrabbaz o faccinora maldito,
E, abrindo chagas em meu corpo afflicto,
Prenderam-me e cuspiram-me na face.

Sem Magdalena haver que me chorasse,
Dei sete quedas sem soltar um grito!
— Mandaram que, em columnas de granito,
Um verdugo meus hombros amarrasse . . .

Morri na cruz . . . sem que, contra os maus tratos,
Ninguem lavasse as mãos como Pilatos,
Sem ninguem recolher meus ais supremos . . .

E eu vi apodrecer meu corpo inteiro
Sem que viesse arrancar-me do madeiro
A caridosa mão de um Nicodemos!

✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦ ✦

PÁRIA

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Coitadinha, meu Deus, da alma do pária . . .
— E' um triste ninho a desmáncchar-se em rombos
Dos trovões aos estridulos ribombos
E ao surgir sobre o oceano a procellária . . .

E' um Christo nú que vae cahindo, aos tombos,
Ao pezo de uma cruz extraordinaria . . .
E' um pombal que abre a porta imaginaria
Sem vestigios de arrulhos e sem pombos . . .

E' uma noite fatal de astros viuva,
Entre as nuvens sem côr de um ceu de chuva,
Dentro do espaço agonisando rouca . . .

A alma do pária és tu, alma de escólhos,
Que apagaste a Illusão dentro dos olhos
Em contracções irónicas de bocca !



ALMA

As Ideias, transforma-as em gaivotas!
E vae da Gloria aos pincares da serra
E mostra ao riso alvar d'esses idiotas
Teus versos como flammulas de guerra!

Como um Titan que nos espaços erra,
Faze um roteiro azul de Estranhas Rotas,
Alma! e fulmina os imbecis da terra
Entre raios de Masculas Derrotas!

Rasga nuvens esplendidas de Frazes
Ora em poesias longas e mordazes,
Ora, nos versos de uma simples quadra!

E, em complemento após da Gloria Tua
Ficarás lá por cima como a Lua
E elles em baixo como o cão que A ladra!



PARA TRAZ

Quando um dia eu parti da alegre Ermida
Das minhas puras illusões da Infancia,
Esta alma toda a transpirar fragrancia
Nem presentiu os transe da partida . . .

Andei . . . Um dia, a estremecer com ancia,
Pondo os olhos na estrada percorrida,
Vi meus Sonhos cahindo de vencida
Apagados nas brumas da distancia . . .

E eu quiz ir para traz, num doudo assomo . . .
Ah! mas toda a extensão da estrada incalma
Vi-a entulhada por montões de escombros . . .

— Queres voltar, meu coração, mas como?
Se tens tantos Vesuvios dentro d'alma
E um milhão de Thermópilas nos hombros?



ENTRE OUTROS POETAS...

(EU)

Vens da guerra, afinal, Sonho nú de Descrente!
Sem tropheus e sem gloria, assim como um covarde
Em cujo coração não crepita e nem arde
Um vislumbre siquer de soldado valente...

Não mostras como os mais, palpitando de alarde,
Em teu punho um galão! vendo na tua frente,
Fardas de generaes ganhas heroicamente...
— Voltas sem fazer jus a uma estatua mais tarde.

E enquanto elles se vão, pobre soldado razo,
Com a bandeira do Amor estragada de balas,
Tu na trincheira ideal das Lagrimas te fechas

E segues para o Além, sem d'elles fazer caso,
Dentro de cada um Ai que do teu peito exhalas
Desfraldando um pendão cravejado de Queixas!